

Representações sociais de violência por graduandas da zona rural sob a ótica da Teoria do Núcleo Central

Social Representations of Violence by Undergraduate Students in Rural Areas from the Perspective of the Central Core Theory

Kaline Girão JAMISON

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira
kalinegirao@unilab.edu.br



Resumo: A violência é um fenômeno complexo de conceitualização e depende do indivíduo, do contexto no qual está inserido, revelando as suas experiências. Para isso, algumas perspectivas teóricas auxiliam no entendimento de como o ser humano representa o mundo e tudo que está em sua volta. Portanto, este estudo tem como objetivo principal investigar as representações sociais de violência para estudantes brasileiras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, e foi realizado em Redenção, Ceará, em 2020. Optou-se por uma abordagem quanti-qualitativa, sob o viés exploratório-descritivo, em que tivemos como suporte o programa de tratamento de dados OpenEvoC, que facilitou a interpretação dos dados. A coleta foi feita através de um questionário, com a finalidade de conhecer as evocações livres do termo indutor “violência”. A base teórica da pesquisa sustenta-se na Teoria do Núcleo Central (Abric, 1998) e na abordagem estrutural da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1976). Como resultado, obtivemos as palavras: agressão, mulher, medo, dor, sofrimento, física, desrespeito, sexual, abuso, estupro, doméstica e sangue, todas constituintes do núcleo central da representação social de violência contra a mulher. Foi possível identificar que no sistema periférico, em que há termos mais heterogêneos, surgiram palavras que denotam a violência sofrida por uma parte mais fragilizada, como idosos, crianças e negros, fazendo-nos perceber que esses grupos estão submissos a um grupo detentor de poder.

Palavras-chave: violência; representações sociais; Teoria do Núcleo Central.

Abstract: Violence is a complex phenomenon of conceptualization, and it depends on the individual, on the context and the environment in which the individual is inserted, that reveal their experiences. For this, some theoretical

perspectives help to understand how the human being represents the world and everything around him. Therefore, this study has as its main objective to investigate the social representations of violence for Brazilian female students at the University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony, and was carried out in Redenção, Ceará, in 2020. A quantitative approach was chosen under the exploratory-descriptive perspective, which was done with the support of the data processing software OpenEvoc, which facilitated the data interpretation. Data collection was done through a form, with the purpose to know free evocation of terms related to violence. The basis of the research is the Central Nucleus Theory (Abric, 1998), and Moscovici's (1976) Theory of Social Representations. As a result, we obtained the words: aggression, woman, fear, pain, suffering, physical, constitutional, sexual, abuse, violence, domestic and blood from the central nucleus of the social representation of violence against women. It was possible to identify that in the peripheral system, in which there are more heterogeneous terms, words emerged that denote the violence suffered by a more fragile part such as the elderly, children and black people, making us realize that these groups are submissive to a group that holds power.

Keywords: violence; social representations; Central Core Theory.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, nosso olhar se volta para a investigação da concepção de violência sob o ponto de vista de jovens mulheres nordestinas e de classe social baixa. Ou seja, sob o prisma do paradigma teórico da interseccionalidade, investigamos qual a representação social do termo violência para jovens universitárias que compartilham entre si um lugar sujeito a múltiplos sistemas de opressão; um espaço social hierarquicamente inferior ao do homem e que é orientado pela sociedade sobre a forma como uma fêmea humana deve se comportar (Beauvoir, 1970). As representações sociais do fenômeno da violência dessas mulheres podem nos indicar *insights* interessantes sobre a percepção delas acerca do fenômeno em foco e de situações opressoras vivenciadas.

Neste estudo, nos ancoramos nos pressupostos da Teoria do Núcleo Central (Abric, 1998), que é oriunda da Teoria das Representações Sociais (doravante TRS) de Serge Moscovici (1976).

Dentre as pesquisas sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais acerca da violência contra mulher, destacamos a de Pacheco *et al.* (2020), que teve como objetivo caracterizar a violência sexual contra mulheres através da TRS. Além dessa, identificamos o estudo de Silva (2019), que teve como objetivo identificar as representações sociais da violência para pessoas em situação de rua, articulando pesquisas científicas sobre população em situação de rua e violência.

No que diz respeito à Teoria do Núcleo Central, identificou-se o estudo de Silva *et al.* (2016) sobre as representações sociais de violência doméstica entre enfermeiras e técnicas de enfermagem. Contudo, não identificamos pesquisas baseadas na Teoria do Núcleo Central com foco na investigação sobre a concepção do fenômeno da violência como uma categoria mais ampla e não definida *a priori*, justificando este estudo.

Dessa forma, em sintonia com os trabalhos apresentados neste estudo, aponta-se como objetivo principal compreender quais são as representações sociais sobre violência, segundo estudantes brasileiras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, em Redenção, Ceará. Partimos de um olhar linguístico-cognitivo, “[...] cuja abordagem é perspectivada não apenas como instrumento de comunicação, mas como meio de conhecimento e de demonstração do nosso sistema conceitual, conectado à nossa experiência humana de mundo” (Jamison, 2011, p. 20).

2 INTERSECCIONALIDADE E VIOLÊNCIA

Investigar como o conceito de violência é representado socialmente em um grupo de graduandas de uma universidade da zona rural do estado do Ceará requer lançar mão de uma base epistemológica que abrace não apenas questões relacionadas ao gênero feminino, mas outras formas de opressão a que essas jovens estão submetidas, como classe, raça e desigualdade social como um todo.

Interseccionalidade trata-se de um termo cunhado em 1989 por Kimberlé Crenshaw (1989), quando buscou relacionar diferentes formas de opressões e desigualdades sociais entre mulheres negras, sendo, portanto, um conceito chave para o discurso feminista, uma vez que mulheres dividem “um sistema de opressão interligado” (Akotirene, 2018, p. 21).

Nesse sentido, propõe-se a implementação de uma pesquisa que leve em consideração a interseção e a colisão de estruturas identitárias dessas jovens, cujo olhar sobre o mundo perpassa perspectivas a partir de opressões cruzadas, marcadas não apenas pela sua condição biológica, mas que trazem “marcas de feridas coloniais [...], nos binarismos identitários, contrapostos humanos e não humanos” (Akotirene, 2018, p. 20).

3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Segundo Pinto (1992), categorizar é o processo pelo qual os seres humanos organizam as informações sobre o mundo, resolvem problemas e chegam a objetivos traçados. Classificar as coisas faz com que o grande número de informações (sejam elas de nível concreto ou abstrato) sejam reduzidas através da elaboração de classes. Isso se dá devido a constante interação do indivíduo com o mundo externo. Lima (2010, p. 110), destaca que “se nós não interagimos com o ambiente, nós não teremos o que classificar; o ambiente influencia muito no modo como nós categorizamos a informação”.

Nesse sentido, seria uma tarefa difícil para o nosso sistema cognitivo conceitualizar tudo o que está à nossa volta, pois isso iria nos exigir períodos de cansativos esforços mentais. Dessa forma, existem alguns caminhos para compreender o comportamento do pensamento humano e sua objetivação, como salienta Fernandes (2012).

Essa questão do mecanismo do pensar e do entender humano, portanto, relaciona-se ao próprio surgimento do conhecimento. Para a psicologia social, ideias coletivas são geradas e disseminadas por meio da interação e comunicação, as quais, por sua vez, são moldadas pelas intenções e interesses dos falantes que fazem parte desse processo. Assim,

esse conhecimento, que é moldado e partilhado pelas influências sociais, “[constitui] a realidade de nossas vidas cotidianas e [serve] como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros” (Moscovici, 2015, p. 8).

Por meio da releitura das representações coletivas de Durkheim (2001), Serge Moscovici, juntamente a outros estudiosos, desenvolveram o estudo das Representações Sociais (TRS). Segundo Sá (1996), se por um lado Durkheim (2001) defende que representações coletivas são independentes do indivíduo, por outro, Moscovici (1976) afirma que as representações são sociais, pois emergem como resultados de interpretações de crenças e conhecimentos. Por esse ângulo, Moscovici, na década de 60, na França, sob as lentes da Psicologia social, buscou em seu estudo entender o que a população compreendia sobre a Psicanálise, ao passo da sua popularização, sendo o conhecimento popular (senso comum), adquirido no cotidiano, um conhecimento válido, como discorre Irineu (2019).

Nesse contexto, pode-se pensar na seguinte indagação: o que são de fato as representações sociais (RS), e quais são suas características? Moscovici trata, portanto, as RS como um meio de construção da realidade, através de vivências e experiências cotidianas, assemelhando-se ao conhecimento do senso comum que, ao mesmo tempo que é construído, é partilhado entre os indivíduos e estimula comportamentos (Sá, 1996).

Em relação às características, as RS permitem respostas rápidas a cada situação a ser interpretada pelos indivíduos, diminuindo o tempo de esforço para pensar. Outro fator é que, um mesmo objeto pode ter diferentes interpretações, ou seja, possui significação variada. Trata-se do conhecimento que o ser humano (sujeito) tem sobre algo (objeto) inserido no mundo. Dessa forma, podemos pensar na relação entre o sujeito, o objeto e o contexto em que estes estão inseridos.

Ainda nessa linha, Moscovici (1976) ressalta a natureza das representações sociais destacando dois pontos: um olhar figurativo, ao qual há a construção imagética de algo abstrato e, o simbólico em que ocorre a significação imagética daquilo que se foi interpretado.

A partir disso, surgem dois importantes processos, a ancoragem e a objetivação. O primeiro procura tornar algo não familiar em familiar, permitindo que novas situações sejam compreendidas ao se reportar às significações já existentes na memória. Resumidamente, é o processo de aproximação do que se conhece para conhecer aquilo que não é familiar. Isso acontece todas as vezes em que somos expostos a eventos estranhos, que não vimos antes. Fernandes (2012, p. 42) diz que a ancoragem “é a forma de colocar um novo objeto num quadro de referência conhecido, de forma a podermos interpretá-lo”. Já a objetivação é o processo de produção de

imagens em que o indivíduo é capaz de transmitir através da linguagem aquilo que foi assimilado no processo de ancoragem. De acordo com Fernandes (2012, p. 39), “a objetivação é, assim, um processo pelo qual se transforma um objeto complexo e abstrato, numa imagem e objeto concreto”.

Além de Moscovici, outros autores (Jodelet, 2001; Abric, 1998; Flament, 2001; Doise, 2001) empenharam-se no desenvolvimento dessa teoria, marcada pela complexidade e interdisciplinaridade, com uma vasta variedade de fenômenos que possibilitam a abordagem por diferentes perspectivas. Dentre essas, destacam-se os estudos de Jodelet (1991), que pesquisou como a loucura é representada na sociedade através da perspectiva dimensional da TRS, visando observar como médicos, enfermeiros, acolhedores e familiares representavam a loucura. Inspirada pela teoria de base de Moscovici, a pesquisadora percebeu que nessas relações existia uma certa alteridade, como, por exemplo, a individualização de pratos, copos e talheres dos restantes das pessoas que não eram doentes mentais, bem como os espaços que estas dividiam. Analisou-se que existe preconceito no comportamento das pessoas ao ver a loucura como uma doença contagiosa. A respeito disso, Denise Jodelet discorre que as representações sociais (RS) são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2005). Dessa forma, a autora demonstrou por meio do seu estudo que as representações sociais orientam práticas.

Diante do exposto, observamos a contribuição da TRS para a compreensão da dinâmica social e os problemas enfrentados na sociedade. No entanto, é necessário lembrar que a TRS não caminhou sozinha e contou com o suporte de outros importantes estudos, como a Teoria do Núcleo Central, postulada por Abric (1998), a qual iremos abordar na seção seguinte.

4 TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL

A partir da abordagem da natureza das RS, o teórico Abric (1998) mergulha na perspectiva estrutural das RS e elabora a Teoria do Núcleo Central. Na visão do autor, a teoria propõe descrever a estrutura organizacional interna das RS. Segundo esse olhar, subjazem às RS palavras centrais e periféricas que estruturam as interpretações que os indivíduos fazem da realidade.

Sá (1996) afirma que a Teoria do Núcleo Central não surgiu para substituir a teoria das RS, mas como um complemento. Outro fator a se destacar é que nenhuma é mais importante que a outra, apesar de a TRS ser

considerada a “grande teoria”. Nesse contexto, as duas teorias carregam potencialidades em suas abordagens.

Bortolai, Aguilar e Rezende (2012), explicam que a verificação da estrutura das RS pode ocorrer por meio da aplicação de questionários que envolvem o método de livre evocação com um termo indutor que fará com que os sujeitos se reportem a sua cognição para falar sobre o termo exposto a eles. De acordo com essa possibilidade teórico-metodológica, há duas formas de fazer esse levantamento: na primeira, o indivíduo reporta rapidamente as coisas já existentes na mente e na segunda, os indivíduos são direcionados a hierarquizar as palavras adquiridas no primeiro momento.

A formação do núcleo central e sistema periférico constitui-se, conforme elucida Vogel (2016, p. 48), por meio dos termos que foram rapidamente acionados pelos entrevistados. Ou seja, por meio de termos e/ou palavras que estão mais acessíveis na memória de cada sujeito do grupo, sendo, por isso, os mais evocados. Em contraposição, “os menos evocados seriam aqueles menos acessíveis à memória”.

Dessa forma, existem algumas características entre o sistema periférico e o núcleo central consideradas por Abric (1998), como a estrutura interna das RS. A primeira a ser destacada é que as palavras do núcleo central são mais estáveis, menos suscetíveis a mudanças, como destaca Fernandes (2012), enquanto que as periféricas não são estáveis, mudam com o passar dos tempos assim como o contexto em que elas se inserem.

Nesse aspecto, Sá (1996, p. 77) destaca que “o sistema central é estável, coerente, consensual e historicamente determinado; o sistema periférico é, por seu turno, flexível, adaptativo e relativamente heterogêneo quanto ao seu conteúdo”. O que nos leva a refletir que algumas RS podem ser retomadas através da memória por um processo anteriormente já discutido, a ancoragem.

Portanto, a abordagem dessa teoria permite reconhecer quais os termos que estão envolvidos na construção das RS, com ênfase no núcleo central, elaboradas dentro de um grupo em uma sociedade.

A análise do material coletado por meio das evocações dá-se a partir da organização desses dados em um quadro de quatro casas com o objetivo de facilitar a exposição do núcleo central (palavras mais evocadas) e a periferia da representação (Figura 1).

Figura 1 — Representação dos quadrantes

NÚCLEO CENTRAL Evocações com frequência de evocação maior do que a FME e com ordem de evocação inferior à OME.	PRIMEIRA PERIFERIA Evocações com frequência de evocação maior do que a FME e com ordem de evocação superior à OME.
ZONA DE CONTRASTE Evocações com frequência de evocação menor do que a FME e com ordem de evocação inferior à OME.	SISTEMA PERIFÉRICO Evocações com frequência de evocação menor do que a FME e com ordem de evocação superior à OME.

Fonte: Oliveira (2018, p. 30)

Conforme o próprio nome aponta, o quadrante superior esquerdo (cinza escuro) é chamado de núcleo central porque traz elementos mais importantes, que são citados com maior frequência do que a frequência maior de evocação (FME) e com ordem de evocação menor do que a OME (ordem média de evocação). Esse quadrante gera o significado da representação social.

Já o quadrante inferior direito (cinza escuro) traz elementos periféricos, de menor importância e distantes do núcleo central, pois tem frequência menor do que a FME, embora apresente maior evocação do que a OME.

O quadrante superior direito (cinza claro) é chamado de primeira periferia por estar mais próximo ao núcleo central, uma vez que apresenta termos muito citados, embora de pouca relevância. Ele tem frequência de evocação maior que FME e ordem de evocação maior do que a OME.

O quadrante esquerdo inferior (cinza claro) tem elementos de maior relevância, mas que são pouco evocados. Suas frequências de evocação e ordem de evocação são menores que a média.

5 METODOLOGIA

O presente estudo fez parte do projeto de pesquisa do Programa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica (IC/BPI) da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap/BPI - 2018/2020). Por envolver seres humanos, a pesquisa conta com autorização concedida pelo Comitê de Ética, através do parecer CAAE: 49369515.4.0000.5576.

Trata-se de uma análise de cunho qualitativo e quantitativo, que aborda as informações e as evidências que vão sendo coletadas, avaliando a pertinência das questões formuladas. Assim, “[...] a pesquisa qualitativa pode ser contrabalanceada pelo alcance da quantitativa e vice-versa, por essa

razão, as duas abordagens são percebidas como complementares” (Martins; Theóphilo, 2009, p. 142).

Como base teórica, apoiamo-nos principalmente pela perspectiva da Teoria do Núcleo Central das Representações Sociais, através dos estudos de Sá (1996). Trata-se também de uma pesquisa exploratório-descritiva, tendo em vista que ela “procura descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos” (Barros; Lehfeld, 2007, p. 84).

Participaram dessa pesquisa 55 alunas do gênero feminino, com idades entre 21 e 28 anos, todas estudantes de graduação de cursos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, localizada no município de Redenção, Ceará. Para o alcance dos dados, a pesquisa se deu pelo contato direto com as estudantes, através da aplicação de questionários.

Após a aplicação dos questionários, os dados foram compilados em uma planilha de Excel com as variáveis: gênero, idade, nacionalidade e curso. Nesse documento foram registradas as respostas aos seguintes comandos:

- a) Cite 5 palavras que lhe vêm à mente ao ouvir o termo violência;
- b) Você já foi vítima de violência? Qual/quais?
- c) Você já presenciou ou testemunhou algum tipo de violência?

O primeiro questionamento tem como objetivo realizar a associação livre, que estrutura a evocação de respostas a partir de estímulos. Essa técnica foi proposta por Freud como principal elemento do fazer psicanalítico, uma dinâmica livre-associativa que traz informações do inconsciente, podendo se apresentar de diversas formas, para assim ser possível trabalhar com os resultados (Sousa, 2018).

O segundo e terceiro questionamentos geraram respostas que exemplificam o fenômeno da violência, de acordo as RS de cada participante.

Em seguida, importamos a planilha para o *software* OpenEvoc, que consiste em um programa on-line e gratuito (elaborado a partir da versão EVOC). Este programa foi desenvolvido e mantido pelo Prof. Hugo Cristo Sant'Anna da Universidade Federal do Espírito Santo, e é destinado a coleta, processamento, análise e visualização de dados de pesquisas em Representações Sociais (RS) na perspectiva da teoria do Núcleo Central, o qual nos permitiu fazer uma leitura estatística dos dados e, posteriormente, uma análise qualitativa (Sant'Anna, 2012).

Com os dados importados para o *software*, gerou-se uma tabela de contingências e quadro de frequências e ordem de evocação a partir dos

dados coletados com quatro casas (quadrantes), que indica a frequência de ordens e distribuições das classificações para cada palavra, conforme demonstrado na Figura 1.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do questionário realizado, por meio do termo indutor “violência”, as cinquenta e cinco participantes descreveram as cinco palavras que lhe vieram à mente ao ouvir o termo, fazendo, dessa forma, evocações livres. Depois da aplicação dos questionários, os dados foram inseridos em uma planilha de Excel e processados no *software* OpenEvoc.

Ao total, foram evocadas um total de 275 palavras. Porém, para fins de recorte, foram selecionadas as quarenta e três primeiras, distribuídas entre os quatro quadrantes, seguindo as orientações do OpenEvoc. A seguir, apresentamos a tabela e seus quatro quadrantes (Figura 2).

Figura 2 — Quadrantes gerados pelos dados inseridos

Tabela Frequência x Ordem de Evocação (TabFreq) (N = 55)

++	Frequência >= 1 / Ordem de evocação < 3		+-	Frequência >= 1 / Ordem de evocação >= 3	
5.09%	agressao	2	2.91%	psicologica	3.13
5.09%	mulher	2.57	2.18%	verbal	3.17
4.73%	medo	2.38	2.18%	tristeza	3.33
4.36%	dor	2.58	1.45%	injustica	3
3.27%	sofrimento	2.56	1.45%	opressao	3
3.27%	fisica	2.78	1.45%	morte	3.25
2.91%	desrespeito	2.75	1.45%	briga	3.5
2.18%	sexual	2	1.45%	intolerancia	3.75
2.18%	abuso	2.67	1.45%	raiva	3.75
1.82%	estupro	1.8	1.09%	impotencia	3.33
1.82%	domestica	2	1.09%	vergonha	4
1.09%	sangue	2.33	1.09%	crime	4
			1.09%	idoso	4
			1.09%	trauma	4
			1.09%	racismo	4.67
+-	Frequência < 1 / Ordem de evocação < 3		--	Frequência < 1 / Ordem de evocação >= 3	
0.73%	brasil	2.5	0.73%	maldade	3
0.73%	homem	2.5	0.73%	vulnerabilidade	3
0.73%	covardia	2.5	0.73%	denuncia	3.5
0.73%	crianca	2.5	0.73%	odio	3.5
0.73%	invasao	2.5	0.73%	cadeia	3.5
0.73%	feminicidio	2.5	0.73%	moral	4
			0.73%	marcas	4
			0.73%	humilhacao	4.5
			0.73%	angustia	4.5
			0.73%	preconceito	4.5

Frequência (%) Ordem Frequência mínima
 1 3 0.73 **Atualizar** **Gravar como relatório**

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir das evocações das estudantes, foram encontradas no núcleo central as palavras: *agressão, mulher, medo, dor, sofrimento, física, desrespeito, sexual, abuso, estupro, doméstica e sangue* (Figura 2). Tais segmentos contribuem para demonstrar a representação social mais significativa e estável de violência pelas participantes do estudo. Como podemos observar, elementos relacionados à violência contra a mulher, a qual é alvo de agressão, seja ela física ou sexual.

No segundo quadrante, temos: *psicológica, verbal, tristeza, injustiça, morte, briga, intolerância, raiva, impotência, vergonha, crime, trauma, racismo* (Figura 2). Os elementos indicados anteriormente montam a primeira periferia e revelam que a *impotência* de alguns indivíduos colaboram possivelmente para que, esses sejam vítimas de atos violentos, como psicológica, verbal e física (*morte*), sendo expostos ao *trauma*, uma das consequências da violência.

Os dados inferem também que a violência é *crime* e, uma vez que na maioria das vezes não há punição, torna-se, portanto, uma *injustiça* em relação às vítimas. Além disso, os termos *intolerância* e *raiva* indicam, possivelmente, o fato de que alguns indivíduos têm dificuldade em aceitar pessoas de grupos sociais diferentes do seu, gerando, desse modo, condutas de violência e intolerância em relação aos que contrariam o que deles se espera socialmente.

Posteriormente, no terceiro quadrante observamos: *brasil, homem, covardia, criança, invasão e feminicídio* (Figura 2), como elementos complementares ao núcleo central, os subnúcleos, apesar de apresentarem baixa ordem de evocações. Assim, podemos inferir a violência praticada por homens no contexto brasileiro, evidenciando o *feminicídio* que, se comparados aos elementos do núcleo central, denotam com mais firmeza a representação da violência contra a mulher. A esse respeito, Borges e Lucchesi (2015) discorrem que a violência enfatiza a dominação masculina, reafirma a posição do homem em uma escala em que mulheres estão subordinadas a ele, pois possui menor poder, menor força e menor representatividade na sociedade. Sobre isso, Rodrigues e Joffer (2015) destacam os tipos de feminicídio: o íntimo (praticado dentro de relacionamentos íntimos) e o feminicídio não-íntimo (cometido por indivíduos que não têm relacionamento íntimo com vítima como é o caso do estupro, assédio e morte por indivíduos desconhecidos).

Esses tipos de violência são situações presenciadas por mulheres em diferentes contextos mundiais e destacam a *invasão* por serem atos covardes não permitidos pela vítima, mas que, infelizmente, acontecem com frequência, uma vez que estamos inseridos em uma cultura patriarcal e machista.

Já no último quadrante, emergem palavras como: *maldade, vulnerabilidade, denúncia, ódio, cadeia, moral, marcas, humilhação, angústia, preconceito* (Figura 2). Esse último quadrante, por estar distante do núcleo central, compõe a segunda periferia e, pela baixa frequência e ordem de evocações, não se mostra tão importante quanto o primeiro e o terceiro, mas contribui para o sentido das representações presentes no núcleo, sendo termos heterogêneos e mais subjetivos. As palavras *denúncia* e *cadeia*, nesse caso, demonstram que a violência pressupõe a necessidade de ser denunciada e, como punição, o infrator tenha como destino a sua prisão.

Com base nos dados expostos, infere-se que os alvos de violência são indicados pelas palavras *mulher, idoso e criança*. É necessário salientar que, por estarem no núcleo central, a violência recebeu mais representatividade quando a vítima é mulher, como se observa no primeiro (*mulher*) e terceiro (*feminicídio*) quadrantes.

Além das evocações livres, as participantes responderam duas perguntas complementares. Na pergunta 1, “Você já foi vítima de violência?”, obteve-se como resultado: 60% responderam *sim* (33 estudantes) e 40% *não* (22 estudantes).

Já na questão 2, “Você já presenciou ou testemunhou algum tipo de violência?”, 51 disseram que *sim* (92,73%), enquanto quatro responderam que *não* (7,27%), ou seja, os dados demonstram que apesar de parte delas não relatarem serem vítimas de violência, em algum momento presenciaram algum episódio, o que explica a porcentagem positiva na segunda pergunta.

Diante disso, evidenciou-se um maior número de respostas positivas para a indagação de presenciar a violência sofrida por outra pessoa do que por si. Isso pode ser justificado pelo fato de ser mais fácil identificar a violência sofrida por alguém do que com a própria pessoa que respondeu ao questionário e, até mesmo, haver dúvidas se alguma situação vivenciada foi um ato de violência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que o conceito de violência é complexo e depende de vários fatores para a sua definição, que vão desde quem a define ao contexto situacional e o ambiente no qual o indivíduo está inserido. Observou-se que as representações sociais estão envolvidas diretamente nesse processo, pois tratam da interpretação da realidade e dependem das experiências do indivíduo. Dessa forma, as RS são a imagem do nosso pensamento. Entende-se que as RS marcam comportamentos e que, em

sua adjacência, existe um aspecto estrutural abarcado pela Teoria do Núcleo Central que nos permite entender onde surgem as RS.

Pensando nisso, esse estudo teve como objetivo central entender a concepção de violência por estudantes do gênero feminino da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Para isso, buscamos analisar as representações sociais envolvidas nas evocações feitas pelas discentes e a organização do núcleo central das RS.

Como resultado das análises, percebemos através do núcleo central que as estudantes elaboram suas percepções de violência em torno da representação social de violência contra a mulher, como pode ser observado nos termos exemplificados *"agressão, estupro, sexual, doméstica, mulher..."*, detalhados anteriormente na Figura 2. Além disso, foi possível identificar que no sistema periférico, em que há termos mais heterogêneos, surgiram palavras que denotam a violência sofrida por uma parte mais fragilizada, como idosos, crianças e negros, fazendo-nos perceber que esses grupos estão submissos a um grupo detentor de poder e, por esse fato, estão mais propensos a sofrer violência.

Além disso, parte das estudantes afirmaram na primeira pergunta não ter sofrido violência, mas na segunda, em que indagamos se foram testemunhas de alguma situação de violência, a maior parte delas disseram ter presenciado. Isso pode se explicar pelo fato de que algumas vezes é difícil identificar os atos de violência e ser mais fácil observar aquilo que outra pessoa está passando.

Portanto, é notório que a violência contra a mulher ainda seja um tema atinge mulheres de todas as camadas etárias e sociais e segue carecendo de debates de enfrentamento. Sendo necessário, portanto, que novos trabalhos venham agregar a essa temática e incentivem a erradicação de violências existentes na sociedade, em diferentes contextos e grupos sociais. Pensando nisso, deixamos lacunas e caminhos para que esse estudo inspire trabalhos futuros interessados na temática, perspectivando outras abordagens metodológicas, outros contextos e até mesmo diversificando o grupo em análise.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. *In*: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018.
- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BORGES, C. M. R.; LUCCHESI, G. B. O machismo no banco dos réus: uma análise feminista crítica da política criminal brasileira de combate à violência contra a mulher. **Revista da Faculdade de Direito – UFPR**, Curitiba, v. 60, n. 3, p. 217-247, set./dez. 2015.
- BORTOLAI, M. M.; AGUILAR, M. B.; REZENDE, D. B. Núcleo central e periferia das Representações Sociais de alunos do Ensino Médio sobre Ciência. *In*: Encontro Nacional de Ensino de Química, 18., 2016, Florianópolis, SC. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2016. p. 1-12.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- DOISE, Willem. **Droits de l'homme et forces des idées**. Paris: PUF, 2001.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- FERNANDES, B. **Metodologias de Estudos nas Representações Sociais**. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/37834872/Metodologias_de_Estudo_nas_Representa%C3%A7%C3%B5es_Sociais. Acesso em: 20 maio 2024.
- FLAMENT, C. Estruturas e dinâmicas da representações sociais. *In*: Jodelet, D. (org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 173-186.
- IRINEU, L. M. Abordagem discursiva das representações sociais: sistematização de um construto teórico-metodológico. **Mandinga**, Redenção, v. 3. n. 1, p. 8-18, jan./jun. 2019.
- JAMISON, K. G. **Quem casa quer casa**: a conceitualização e categorização de violência por mulheres vítimas de violência conjugal. 2011. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

JODELET, D. **Loucuras e representações sociais**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2005.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

LIMA, A. B. O. L. Modelos de Categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 108-122, maio/ago. 2010.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, R. P. D. **A representação social das fintechs na visão dos profissionais do mercado financeiro brasileiro**. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2018.

PACHECO, M. L. L.; ROSO, A.; SOUZA, J. G.; FARIAS, F. K.; GOULART, L. A. Representações Sociais em situações de violência sexual contra as mulheres. In: JORNADA INTERNACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 11., 2019, Porto Alegre, RS. **Anais [...]**. Santa Maria: UFSM, 2020. p. 110-111. Disponível em: <https://www.2019.jirs.com.br/anais/trabalhos/sessaocoordenada1>. Acesso em: 7 mar. 2020.

PINTO, A. C. Medidas de categorização: frequência de produção e de tipicidade. **Jornal de Psicologia**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 10-15, 1992.

RODRIGUES, R.; JOFFER, S. Violência contra a mulher: uma expressão da questão social em evidência. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL, 1., 2015, Londrina, PR. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2015. p. 1-10. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mestradoservicosocial/congresso/anais/Trabalhos/eixo5/oral/47_violencia_contra_evidencia.pdf. Acesso em: 2 fev. 2020.

SÁ, C. P. **Núcleo Central das representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANT'ANNA, H. C. OpenEvoc: um programa de apoio à pesquisa em Representações Sociais. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO, 7., 2012, Vitória, ES. **Anais [...]**. Vitória: ABRAPSO, 2012. P. 94-103. Disponível em: <http://abrapsoes.com.br/encontro/?subsecao=19>. Acesso em: 29 jan. 2020.

SILVA, M. L. B. **Representações sociais da violência para pessoas em situação de rua**. 2019. 78 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-

graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SILVA, C. D.; GOMES, V. L. O.; OLIVEIRA, D. C.; AMARIJO, C. L.; ACOSTA, D. F.; MOTA, M. S. Representação da violência doméstica contra mulheres entre profissionais de saúde: idade como atributo de diferenciação. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 1-6, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/13212>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SOUSA, L. A. F. **A associação livre em Freud**: fundamento do tratamento psicanalítico. 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Psicologia Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

VOGEL, Marcos. **Influências do PIBID na Representação Social de licenciandos em química sobre ser “professor de Química”**. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-graduação Interunidades em Ensino de Ciências, Faculdade de Educação, Instituto de Física, Instituto de Química e Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

JAMISON, KALINE GIRÃO.
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VIOLÊNCIA
POR GRADUANDAS DA ZONA RURAL SOB A
ÓTICA DA TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL.
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, v. 14, n. 1,
E2758, p. 191-206, JAN.-ABR./2024. DOI:
10.22168/2237-6321-12758